



Agentes populares do cuidado enquanto colabores da saúde

Livia Costa Pereira¹, Ana Gisele de Lima Barbosa², João Victor Rodrigues da Silva³, Raniel Eduardo da Silva⁴, José Olivandro Duarte de Oliveira⁵, Andréia Karla Anacleto de Sousa⁶
olivandro_duarte@hotmail.com; andreia.karla@professor.ufcg.edu.br

Resumo:

Buscou-se o mapeamento dos agentes populares do cuidado (APC) na comunidade do Mutirão I, no município de Cajazeiras – Paraíba, com vistas à reflexão de experiências sobre as práticas de saúde por eles e elas realizadas, viabilizar rodas de conversa para articulação e troca de experiências entre os APC da localidade, serviço de saúde e instituição universitária

Palavras-chaves: Educação Popular em Saúde, Práticas Integrativas e Complementares, Medicina Tradicional

1. Introdução

Este subprojeto se insere no interior do Programa de Extensão intitulado Laboratório de Educação Popular em Saúde e Práticas Integrativas (LEPSPI) teve como objetivos, realizar o mapeamento dos agentes populares do cuidado (APC) na comunidade do Mutirão I, no município de Cajazeiras – Paraíba, com vistas à reflexão de experiências sobre as práticas de saúde por eles e elas realizadas, viabilizar rodas de conversa para articulação e troca de experiências entre os APC da localidade, serviço de saúde e instituição universitária; compreender como os APC visualizam a saúde e a doença, sobretudo levando em consideração o aspecto do que usam para reestabelecer o bem estar; e, sistematizar experiências trazidas pelos APC com vistas a produzir cartilhas e demais estratégias de divulgação dos saberes populares em saúde.

Importante dizer, que a Medicina Popular no Brasil se configura em um movimento de misturas e influências religiosas múltiplas onde se destacam APC, a exemplo de rezadeiras, parteiras, curandeiras, benzedoras, mezinheiras, raizeiras, dentistas e sangradores. Pertinente lembrar que raramente alguém passou pela infância e não foi benzido ou mesmo buscou esses provedores da saúde em seu resgate do bem-estar [1].

A ‘magicidade’ do poder dos APC liga-se a uma rede de valores simbólicos legitimados por quem os ‘manuseia’. Sendo assim é viável se afirmar que a sacralização seja da planta, mãos palavras e gestos institui-se em um universo mítico e simbólico do qual cada um faz parte [2].

Dito isso, é comum elucidar-se: “tem doença que é pra médico, mas tem doença que médico não resolve”. Nesse ponto que entra o ofício dos APC, e nisso todas são unânimes em afirmar a cura das pessoas por elas benzidas, “operadas”, “um aspecto da atitude religiosa popular é a relação intrínseca entre a crença e a graça, isto é, a fé busca milagres” [3].

2. Método

Metodologia da pesquisa ação, uma vez que esse método propõe intervenções e produções de conhecimentos, assim como permite a realização de diagnóstico situacional, identifica possíveis problemas, define metas e objetivos a serem alcançados, assim como intervêm em determinadas situações que haja necessidade de replanejamento. Nesse aspecto é possível haver interação entre participantes e pesquisadores, considerando que ambos estarão em conexão [4].

O projeto se realizou na ESF Mutirão I, extensionistas passaram por uma imersão da temática dos APC, para posteriormente se tornarem multiplicadores dentro da comunidade que estará inserida nos momentos de Roda de Conversa, articulados semanalmente.

Com os princípios básicos da extensão de intervenção social e coparticipação da comunidade juntamente com a universidade e serviço de saúde, nossa proposta foi apresentada aos profissionais de saúde, para que fossem analisadas e modificadas caso necessário, assim como a população.

Realizadas visitas domiciliares e em seguida convidados para Rodas de Conversa na Unidade Básica de Saúde, com todos os profissionais de saúde e comunidade (Figura 1, 2 e 3).

^{1,2,3,4} Estudantes de Graduação, UFCG, Campus Campina Grande, PB. Brasil.

⁵ Orientador Professor Substituto, UFCG, Campus Campina Grande, PB. Brasil.

¹² Coordenadora, Professora, UFCG, Campus Campina Grande, PB. Brasil.



Figura 1 – Casa de uma Benzeadeira



Figura 1 – Casa de uma Benzeadeira



Figura 1 – Roda de Conversa do Projeto Horta Agroecológica e participação de Benzeadeiras

3. Resultados e Discussões

Realizou-se em um 1ª Momento a imersão dos extensionistas e equipe de saúde: em que buscaremos construir, junto aos extensionistas e profissionais da ESF Francisco Alves (Mutirão I), conhecimento sobre o que seja APC e produção de uma ferramenta para realizar o mapeamento na comunidade do Mutirão, com vistas à reflexão de experiências sobre as práticas de saúde por eles e elas realizadas.

2ª Momento – Rodas de conversa: que oportunizou aos envolvidos e envolvidas aproximação da temática, momento que contará com um encontro quinzenal na ESF, intercalado por um encontro para avaliação e preparação da Roda de Conversa com a linha

2 do Programa de Extensão LEPSPI, contando com a estrutura de condução que consiste em: abertura, apresentação do tema, desenvolvimento da conversa (tempestade de ideias) e o fechamento. Serão colocados a seguir sugestões de temáticas, contudo, é a partir deste encontro que seguirá as propostas dos participantes que daremos forma as Rodas de Conversa seguintes.

Com o intuito de melhor divulgação e com a permissão das benzeadeiras foi possível confecção de scrapbook, que se sentiram reconhecidas e mais participativas nas ações da UBS Mutirão I (Figura 4).

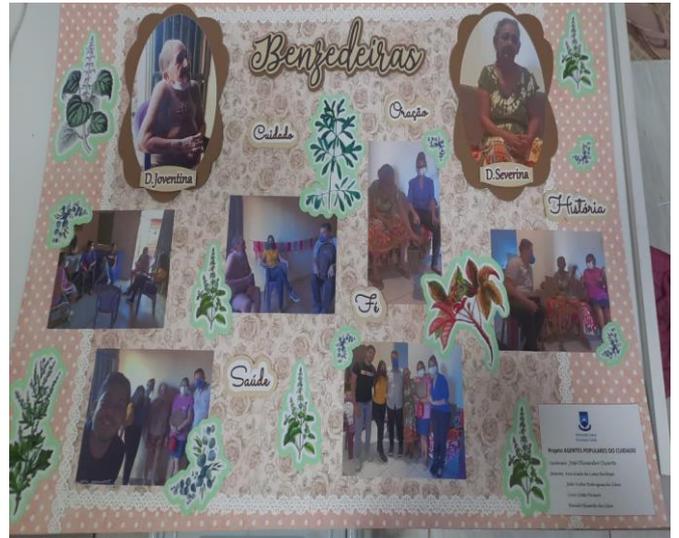


Figura 4 – Scrapbook das Benzeadeiras

4. Conclusões

Com isso, foi possível reconhecer que a Educação Popular em Saúde se desdobra enquanto facilitadora dos encontros nos espaços institucionais do cuidado, aqui se apresenta a relação dialógica e amorosa no processo de cuidado, afirmando que, para cuidar do outro, temos de reconhecer sua cidadania, ter um olhar integral e comprometido com o processo de resgate da humanização (PULGA, 2014).

Na verdade, como afirma Freire (p. 68, 1987): “[...] não há saber mais nem saber menos, há saberes diferentes”. O impacto tanto na equipe como comunidade é de reconhecimento e mesmo, garantia de resgate de um saber ancestral em saúde.

5. Referências

- [1] CÂMARA, Y. R.; FIUZA FIALHO, L. Machado. O papel sanitário das rezadeiras brasileiras outrora e agora: ressignificações e continuidades. *EccoS – Rev. Cient.*, São Paulo, n. 59, p. 1-19, out./dez, 2021.
- [2] CAMARGO, M. T. L. A. **Plantas Medicinais e de Rituais Afro-Brasileiros II:** estudo etnofarmacobotânico. São Paulo, Ícone, p. 232. 1998.
- [3] PULGA, V. L. A **Educação Popular em Saúde como referencial para as nossas práticas na saúde.** In: BRASIL. II Caderno de Educação Popular em Saúde. 2014.

[4] THIOLENT, M. Fundamentos e desafios da pesquisa-ação: contribuições na produção de conhecimentos interdisciplinares. In: TOLEDO, R. F. (Org). **A pesquisa-ação na interface da educação, saúde e ambiente**: princípios, desafios e experiências interdisciplinares. São Paulo: AnnaBlume/Fapesp, 2013.

Agradecimentos

À UFCG pela oportunidade da Chamada PROPEX 003/2022 PROBEX/UFCG.

À comunidade e aos profissionais de saúde que abriram espaço para realizar as atividades.